

# Olimpíada de Ciências de Caxiuanã: práticas de educação museal e popularização das ciências no Arquipélago no Marajó

Mayara Larrys - Museu Paraense Emílio Goeldi



## Resumo

Este artigo analisa as experiências e os resultados da Olimpíada de Ciências de Caxiuanã, ação educativa estruturante do Programa de Extensão Educativo-Cultural da Estação Científica Ferreira Penna (PEEC-ECFPn), base física do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) situada na Floresta Nacional de Caxiuanã (Melgaço/PA). A partir de abordagem qualitativa, foram examinados documentos institucionais da edição de 2024, estudos sobre a constituição histórica do Serviço de Educação do Museu Goeldi (SEEDU) e registros produzidos na edição atual. A análise discute o papel da Olimpíada na popularização das ciências junto a comunidades ribeirinhas de Portel/PA e Melgaço/PA, enfatizando seus desafios logísticos, a centralidade da formação docente e as práticas educativas orientadas pelo diálogo de saberes e pela construção coletiva do conhecimento. Os resultados indicam que o evento se consolida como espaço de circulação articulada de conhecimentos científicos e

tradicionais, fortalecendo a atuação territorial do MPEG, ampliando experiências de ensino não formal e potencializando vínculos com a educação escolar. Conclui-se que a Olimpíada reafirma o papel social do Museu, em consonância com a trajetória histórica do SEEDU e com debates contemporâneos sobre educação museal, participação social e popularização da ciência.

**Palavras-chave:** Educação museal; Popularização da Ciência; Interculturalidade; Territórios amazônicos; Comunidades ribeirinhas.

## Introdução

---

O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), fundado em 1866, consolidou-se historicamente como referência científica na Amazônia e como instituição dedicada à comunicação e preservação de saberes relacionados à sociobiodiversidade de região. Sua infraestrutura é composta por três bases físicas: duas na capital paraense — o Parque Zoobotânico, que concentra as exposições, a administração e a visitação pública, e o Campus de Pesquisa, onde se localizam laboratórios, coleções científicas, biblioteca, arquivo e programas de pós-graduação — e a Estação Científica Ferreira Penna (ECFPn), situada no município de Melgaço, no Arquipélago do Marajó. Esta última está inserida na Floresta Nacional de Caxiuanã (FLONA de Caxiuanã), que dá nome ao Programa de Extensão Educativo-Cultural da Estação Científica Ferreira Penna (PEEC-ECFPn), no âmbito do qual se desenvolve a Olimpíada de Ciências que constitui o foco dessa narrativa.

Embora práticas educativas já fizessem parte de suas ações desde a fundação, a consolidação do Serviço de Educação (SEEDU) ocorreu sobretudo a partir do final do século XX, quando o setor ampliou sua estrutura, programas e concepções metodológicas. Estudos sobre sua constituição — como os de Santos, Rodríguez e Silva (2024) — demonstram que o SEEDU assumiu centralidade no diálogo entre museu, escola e comunidade, fortalecendo o papel social da instituição.

Criada em 1993 na FLONA de Caxiuanã, a ECFPn integra esse movimento ao desenvolver ações continuadas de formação de professores, produção de materiais educativos, mediação cultural e extensão científica com escolas ribeirinhas das regiões de Portel/PA e Melgaço/PA. Entre essas ações, encontra-se o ciclo formativo do PEEC-ECFPn que se estrutura em três momentos centrais: Jornada Pedagógica, Feira de Ciências e Olimpíada de Ciências de

Caxiuanã, no âmbito da qual se inclui uma segunda Jornada Pedagógica que conclui o processo formativo junto aos professores.

Conforme descrito por Larrys e Sepulveda (2025), as Jornadas Pedagógicas consistem em ações de formação continuada voltadas aos professores das escolas ribeirinhas envolvidas no projeto, com foco na ampliação da formação científica para a construção de projetos que, além de fomentar o letramento científico e valorização dos saberes tradicionais, resultam em tecnologias sociais que atendem às necessidades das comunidades onde as escolas estão situadas. As temáticas abordadas alinham o tema da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia com demandas dos docentes, do contexto local e das matrizes curriculares, articuladas a referenciais científicos que sustentam práticas pedagógicas críticas e contextualizadas.

A Feira de Ciências, por sua vez, configura-se como uma ação destinada à apresentação pública dos projetos e tecnologias sociais produzidos por alunos e professores ao longo do ano nas escolas participantes. Realizadas nas próprias comunidades, essa é a etapa em que uma equipe multidisciplinar — composta por representantes do Museu, de instituições parcerias, das comunidades e das Secretarias de Educação dos municípios envolvidos — se desloca até os territórios para avaliar e dialogar sobre as experiências desenvolvidas, reconhecendo saberes locais e fortalecendo os vínculos entre escola, ciência e comunidade.

Os projetos mais bem avaliados na etapa anterior são premiados com a participação na Olimpíada de Ciências de Caxiuanã, uma imersão científico-cultural que reúne alunos, professores, diretores, coordenadores pedagógicos e comunitários para atividades que incluem oficinas, noites

culturais e competições esportivas. Nessa etapa, os estudantes aprofundam seus conhecimentos científicos, vivenciam práticas diversificadas e interagem com pesquisadores de diferentes instituições, em um processo que valoriza e amplia os saberes e fazeres produzidos pelos diferentes grupos envolvidos. Os professores também integram uma nova jornada pedagógica, voltada a análise e ampliação das estratégias de ensino e popularização contextualizada das ciências, com temáticas que emergem de seus interesses formativos e dos territórios em que vivem e atuam.

O relatório Floresta de Memórias: registros da XIII Olimpíada de Ciências de Caxiuanã (MPEG, 2025) documenta a relevância do evento, sua organização e o papel desempenhado pelas comunidades ribeirinhas nessa construção coletiva de saberes. A realização da Olimpíada exige uma logística complexa: o acesso à Estação ocorre exclusivamente via fluvial, com deslocamentos que podem totalizar cerca de 18 horas a partir de Belém, além das longas viagens realizadas pelas escolas participantes (Figura 1), variando entre 2 e 8 horas desde suas comunidades.

**Figura 1. Chegada das escolas para a XIV Olimpíada de Ciências de Caxiuanã (2025)**



Foto: Raffael Regis (2025)

Essa travessia evidencia o empenho de equipes, gestores municipais e famílias para a efetivação de uma ação que ocorre há mais de três décadas. A logística, mais que um desafio operacional, constitui uma dimensão pedagógica central, pois articula território, experiência e construção coletiva de sentidos. Essa perspectiva dialoga com Zarbato (2019), que destaca que a prática educativa em museus precisa ser fundamentada na produção de significados ancorados nas relações entre sujeitos, memórias e saberes.

Considerando-se o papel dos museus de ciência na promoção de interações que articulem experiência, comunicação e mediação cultural (Mônaco, 2000), pode-se afirmar que a perspectiva educativa que orienta a Olimpíada de Ciências de Caxiuanã dialoga com reflexões contemporâneas sobre educação museal. Esse argumento se amplia quando se observa a análise de Barbosa, Silva e Silva (2024) que, ao analisarem práticas educativas na Amazônia, enfatizam que ações museais configuram espaços de interculturalidade crítica, nos quais a mediação articula diferentes epistemologias, modos de vida e práticas territoriais.

Diante desse cenário, este artigo tem por objetivo apresentar a Olimpíada de Ciências de Caxiuanã como experiência intercultural e de educação museal situada, articulando dimensões históricas, territoriais e pedagógicas. Para tanto, o texto organiza-se em quatro eixos centrais: o primeiro corresponde a esta introdução; o segundo apresenta, de modo geral, as ações de popularização da ciência desenvolvidas pelo Museu na região do Marajó; e o terceiro aprofunda a compreensão da Olimpíada como espaço de diálogo de saberes, práticas multissensoriais e construção coletiva do conhecimento. Por fim, as notas finais sintetizam as contribuições do evento para a memória institucional e para o fortalecimento da educação museal amazônica.

## **Popularização das ciências no Arquipélago do Marajó**

---

### **Uma reflexão sobre práticas educativas na interface museu-escola-território**

As ações de popularização das ciências conduzidas pelo Museu Goeldi na região de Caxiuanã se constituem a partir de um longo processo de construção institucional que se materializa nas práticas perenes que acontecem ECFPn e nas relações estabelecidas com as comunidades ribeirinhas do entorno. Essa consolidação de iniciativas extramuros voltadas ao diálogo com diferentes comunidades amazônicas é uma via para fortalecer “a consolidação dos museus como espaços de construção da cidadania, nos quais a pluralidade e a diversidade dos múltiplos elementos que compõem a existência humana” (Santos; Rodriguez, 2025, p. 11). Essa dinâmica se constrói pela articulação de processos formativos, ações culturais e mediações que aproximam ciência e cotidiano, constituindo uma identidade própria, marcada tanto pelo contexto territorial quanto pela natureza colaborativa das práticas.

Sob essa perspectiva, a popularização das ciências promovida pelo Museu Goeldi junto às comunidades da FLONA de Caxiuanã, para além da intenção de divulgar resultados de pesquisa, se consolidam como espaços de mediação cultural em que diferentes sujeitos – pesquisadores, professores, estudantes e moradores – compartilham modos de compreender, ser e estar na floresta. É construído uma dinâmica educativa que integra formação, ações culturais e diferentes formas de mediação, aproximando saberes científicos do cotidiano das comunidades. Essa composição gera uma identidade singular, influenciada tanto pelo território quanto pelo caráter colaborativo das práticas desenvolvidas.

As atividades que mais tarde deram origem à Olimpíada de Ciências de Caxiuanã surgiram como desdobramentos naturais das ações

educativas já desenvolvidas na Estação, inicialmente estruturadas em encontros técnicos com professores ribeirinhos e em Feiras de Ciências realizadas nas comunidades. A primeira edição do evento, ainda em formato de gincana em 2001, evoluiu para o formato de Olimpíada em 2008, como registrado em notícia veiculada pelo jornal Diário do Pará: “Realizada há sete anos com o nome de gincana, em 2008 ganhou status de Olimpíada, pela magnitude alcançada junto às comunidades localizadas no entorno da Estação Científica Ferreira Penna (ECFPn)” (Diário do Pará, 2009).

Ao longo dos anos, as ações vêm sendo integradas e sistematizadas, dando forma a práticas mais regulares de formação e interação (MPEG, 2025). Essa articulação gradual permite não apenas ampliar o alcance das iniciativas, mas fortalecer vínculos territoriais e potencializar dispositivos de participação social que fundamentam as experiências educativas atuais.

A singularidade das experiências ocorridas em Caxiuanã está profundamente relacionada à materialidade do território e às condições concretas de deslocamento e circulação. O percurso fluvial necessário para chegar à Estação, seja partindo de Belém, seja a partir das comunidades envolvidas, não constitui apenas uma etapa logística como destacado anteriormente, mas integra o próprio processo formativo, construindo um tempo de travessia no qual se estabelecem expectativas, trocas e experiências sensoriais que marcam o modo como os diferentes grupos se relacionam com a floresta.

Sob essa ótica, importa ressaltar que as práticas educativas desenvolvidas na Amazônia precisam levar em conta os modos como o território atravessam e são atravessados pela produção de significados nas experiências formativas. Essa relação entre território, cultura e aprendizagem torna-se especialmente evidente nas atividades realizadas na FLONA de Caxiuanã.

Ao observar essas dinâmicas, torna-se evidente que a popularização da ciência no contexto amazônico não pode ser compreendida nos moldes tradicionais da difusão científica. Nesse contexto, cabe o argumento sobre mediação em museus de ciência que, como aponta Mônaco (2013), precisa envolver processos que atravessam a transmissão de informações e se concretizam na experiência compartilhada entre sujeitos em interação com espaços, objetos e narrativas. Esta concepção encontra ressonância no trabalho desenvolvido na ECFPn, em que práticas educativas transbordam as fronteiras físicas do Museu e se territorializam em ambientes diversos (de floresta a baías<sup>1</sup> e furos), configurando situações de aprendizagem marcadas pela vivência e pela construção coletiva de significados.

Essa perspectiva aproxima-se das reflexões desenvolvidas por Quadros (2019) sobre os processos de transformação e desmistificação dos museus. A autora argumenta que, ao longo do tempo, os museus “ganham um novo conceito, a fim de que se compreendam os museus como espaços de todos, de construção social que, para ser construído socialmente, precisa de gente, todo tipo de gente” (Quadros, 2019, p. 211).

No território amazônico, tais práticas assumem contornos ainda mais complexos, ao passo que se articulam a epistemologias diversas, modos de vida específicos e formas comunitárias de organização que tensionam concepções clássicas de museu, ciência e educação já problematizadas

por Quadros (2019). Na Olimpíada de Ciências de Caxiuanã, essa articulação manifesta-se na valorização dos saberes dos professores ribeirinhos, nas atividades desenvolvidas com estudantes e no reconhecimento das práticas locais como parte constitutiva do processo educativo, potencializando a compreensão de que o conhecimento científico e os conhecimentos tradicionais dialogam para fomentar leituras de mundo compreensões amplas e heterogêneas.

A formação de professores emerge como outro eixo estruturante da experiência. Os encontros pedagógicos realizados anualmente, registrados no relatório institucional (MPEG, 2025) e analisados por Queiroz (2024), evidenciam que tais ações promovem não apenas atualização científica, mas também fortalecimento da autonomia docente, criticidade e cidadania, considerando-se a construção de projetos vinculados ao território.

Almeida e Bassalo (2021, p. 1171) destacam que a atuação em contextos amazônicos ribeirinhos demanda reconhecer que “as trajetórias, vivências e experiências dos indivíduos envolvidos nos processos educativos são fontes de conhecimento, de saberes, de singularidades para aqueles que se interessam pelos modos de vida e educação na região”. Essa dimensão orienta a natureza colaborativa das atividades formativas realizadas na ECFPn. A partir dessa perspectiva, a elaboração de projetos, o desenvolvimento de tecnologias sociais e a articulação de saberes tradicionais e científicos tornam-se práticas que ampliam a participação comunitária e consolidam processos educativos contínuos.

Outro aspecto que distingue a experiência de Caxiuanã é a participação ativa das comunidades ribeirinhas na construção das ações. O relatório Floresta de Memórias: registros da XIII Olimpíada de Ciências de Caxiuanã (MPEG, 2025) evidencia que a definição de temas, atividades culturais,

organização dos espaços e apoio logístico envolve famílias, lideranças, estudantes e docentes, caracterizando uma ação que não é apenas oferecida às comunidades, mas construída junto com elas. Tal característica reforça a natureza dialógica da Olimpíada de Ciências, em consonância com a visão de Santos, Rodríguez e Silva (2024), segundo os quais práticas extramuros devem dialogar articular interesses institucionais com expectativas dos seus públicos, produzindo espaços de encontro nos quais diferentes atores assumem papéis fundamentais na condução do processo educativo.

Esse conjunto de práticas orientadas por um objetivo comum converge para o argumento defendido por Mônaco (2013), segundo o qual a construção de finalidades coletivas no âmbito educativo exige processos de negociação, reconhecimento mútuo e responsabilidade partilhada entre os sujeitos envolvidos. Para a autora,

**O que chama mais atenção ao relacionar a teoria aqui adotada com o fazer educativo em um museu é constatar que a definição de um objetivo comum deve ser de fato um episódio coletivo, intensamente negociado pelos indivíduos que porventura aceitaram tal desafio. Não adianta se colocar imposições sobre um trabalho a ser feito se os envolvidos diretos não encontrarem o comprometimento necessário e certa confiança na competência do outro, em outras palavras, de nada adiantarão projetos institucionais mandatários, imposições do que deva ser feito, ou como deva ser feito determinado empreendimento. Se os envolvidos não encontrarem a ressonância dessa demanda no grupo e não a negociarem como algo que lhes pertença, não haverá a definição de um objetivo comum, apenas o cumprimento de uma tarefa sem a possibilidade de haver aprendizagem coletiva (MÔNACO, 2013, p. 149).**

Nesse cenário, as tecnologias sociais produzidas ao longo das ações e apresentadas na Feira de Ciências configuram-se como expressões desse processo coletivo, pois resultam da articulação entre o conhecimento científico compartilhado pelo Museu e as soluções elaboradas pelas comunidades com base em suas práticas, necessidades e experiências. Importa ressaltar que todas as propostas desenvolvidas por professores e estudantes respondem a demandas concretas da vida cotidiana nas comunidades. Essa característica reforça a compreensão da popularização das ciências como instrumento de fortalecimento socioterritorial, ao integrar a produção científica ao cotidiano das populações ribeirinhas.

Assim, a experiência de popularização da ciência conduzida pelo Museu Goeldi em Caxiuanã consolida-se como um processo educativo singular, enraizado no território, baseado em relações colaborativas e sustentado por múltiplos saberes. Ao promover a circulação de conhecimentos, fortalecer vínculos entre instituições e comunidades e reconhecer a legitimidade das práticas locais, o Museu reafirma seu papel social na Amazônia e converge com perspectivas contemporâneas de educação museal que valorizam a mediação, a historicidade das práticas e a construção coletiva de sentidos. Mais do que um evento anual, a Olimpíada de Ciências e as ações que a fazem emergir constituem um processo contínuo que articula pesquisa, extensão e educação em uma dinâmica territorializada, reforçando o papel seminal da floresta e de seus povos na construção de uma ciência socialmente comprometida.

XIV Olimpíada de Ciências na Floresta (2025) – uma narrativa sobre confluência e diálogo de saberes

Conforme destacado anteriormente, a cada edição, a definição do tema orientador das

ações da Olimpíada de Ciências de Caxiuanã é articulada a partir do tema da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, uma vez a captação de recursos para realização do evento é, majoritariamente, por meio do edital vinculado. No ano corrente, essas atividades contaram com o apoio financeiro da FADESP e da FAPESPA, esta última em cooperação com o MCTI para viabilizar a proposta submetida ao edital Pop Ciência. Nesse contexto, e alinhada ao tema nacional Planeta Água: a cultura oceânica para enfrentar as mudanças climáticas no meu território, estruturou-se a programação da XIV Olimpíada de Ciências de Caxiuanã (2025), que adotou como tema Baía de saberes: soluções marajoaras para a crise climática.

Sob essa guia, a Olimpíada constitui-se como um ambiente formativo ampliado, no qual se articulam oficinas científicas, práticas culturais, vivências ecológicas e interações comunitárias que atravessam toda a programação do evento. Trata-se de uma semana de atividades que não apenas organiza conteúdos, mas produz uma ecologia de aprendizagens que integra ciência, território e vida comunitária.

As oficinas representam o núcleo pedagógico da Olimpíada. Com carga horária de 12 horas, distribuídas em três dias, articulam atividades teóricas, práticas e colaborativas, culminando na elaboração de um produto apresentado ao coletivo de participantes no encerramento. Em termos de programação, a estrutura das oficinas tem sido ampliada e ajustada a partir de processos de escuta dos coletivos participantes, incorporando contribuições de todos aqueles que, direta ou indiretamente, enriquecem a construção de perspectivas e possibilidades formativas mais diversas.

Para a composição da grade de atividades, é veiculado um formulário de proposição no qual pesquisadores — com titulação mínima de

graduação e vinculados a programas de pós-graduação — do Museu Goeldi ou de outras instituições interessadas podem ofertar oficinas dirigidas aos jovens das escolas selecionadas, articulando as áreas de pesquisa do Museu às vivências das comunidades da FLONA de Caxiuanã. No caso específico de 2025, essas propostas foram apresentadas aos professores e diretores das escolas, que analisaram e selecionaram aquelas mais alinhadas aos contextos estudados e aos formatos desejados para a programação.

Essa forma de estruturar as oficinas — com propostas apresentadas por pesquisadores vinculados ao Museu ou a outras instituições científicas, e selecionadas pelas escolas com base em seus contextos e necessidades — reflete uma pedagogia fundamentada na participação e na escuta, aspectos destacados também por Barbosa, Silva e Silva (2024) ao analisarem práticas educativas na Amazônia. Para esses autores, processos que valorizam escolhas comunitárias e interesses locais contribuem para experiências de mediação intercultural e fortalecem a autonomia dos sujeitos envolvidos.

Norteadas por essa lógica organizacional, a XIV Olimpíada de Ciências de Caxiuanã (2025) distribuiu-se ao longo de cinco dias e articulou atividades formativas, culturais e esportivas. As manhãs foram dedicadas às oficinas para estudantes e a três oficinas temáticas para professores enquanto os períodos da tarde contemplaram a montagem e abertura da Exposição de Tecnologias Sociais. Em paralelo às atividades vespertinas também tiveram as atividades esportivas. As noites foram reservadas para programações culturais realizadas por núcleos organizados das escolas e do Museu Goeldi. O evento encerrou-se com a cerimônia oficial de entrega de medalhas de competição e participação, seguida da aguardada despedida das delegações.

A diversidade temática das oficinas demonstra a amplitude da atuação científica do Museu e seu compromisso com a territorialização do conhecimento. Esse ano de 2025, a grade de programação dirigida aos escolares contou com oito oficinas, cujos títulos e ministrantes encontram-se descritos abaixo:

Tabela 1. Quadro de oficinas ofertadas aos escolares na XIV Olimpíada de Ciências de Caxiuaná.

Tema da oficina	Objetivo principal
Maré de saberes: jogos e vivências	Promover, por meio da criação de jogos educativos, a troca de conhecimentos, a criatividade, o respeito à diversidade e o fortalecimento do pertencimento cultural.
Revelando a diversidade de artrópodes sob lentes amazônicas	Promover a conscientização e a compreensão dos artrópodes pelas comunidades ribeirinhas, integrando saberes tradicionais e científicos, e utilizando a fotografia como instrumento para oferecer uma nova perspectiva sobre esses animais, frequentemente marcados por preconceitos.
Introdução à Libras	Oferecer aos participantes uma introdução prática à Língua de Sinais Brasileira (Libras), com foco em habilidades básicas de comunicação, sensibilização sobre a cultura surda e construção de vocabulário essencial para situações do cotidiano.
Inteligência Artificial (IA) na floresta: aprendendo com os Guardiões do Marajó	Desenvolver uma ferramenta digital interativa que possibilite aos jovens atuarem como cientistas de dados locais, utilizando IA acessível para reconhecer espécies de Caxiuaná e integrar seus saberes ecológicos e culturais, em alinhamento à BNCC da Computação e ao tema da Olimpíada.
Mapeando o céu: Uso de softwares e telescópio para a observações astronômicas	Promover a compreensão integrada de fenômenos naturais nas comunidades ribeirinhas, articulando múltiplas áreas do conhecimento para explicar processos como as marés e fortalecer a alfabetização científica.
A Fase da Lua mexeu comigo!	Compreender como a influência gravitacional da Lua afeta a dinâmica da Terra e, especialmente, os modos de vida das comunidades ribeirinhas.
Animais da Floresta e Arqueologia do Barro: Oficina de Cerâmica e Biodiversidade na FLONA de Caxiuaná	Propor um encontro entre o conhecimento arqueológico e os saberes locais sobre a biodiversidade amazônica.
Ecopropostas na Conservação do Peixe-boi da Amazônia	Desenvolver materiais e atividades de educação ambiental de baixo impacto, alinhados às pesquisas sobre a conservação do Peixe-boi da Amazônia.

Fonte: Registros e materiais de organização da Olimpíada, produzidos pela equipe responsável pelo evento sob coordenação da autora.

Ao trazer para o interior da floresta diferentes especialidades da instituição, a Olimpíada cria situações nas quais estudantes e pesquisadores compartilham experiências (Figura 2 e Figura 3), estabelecendo diálogos que se aproximam do que Zarbato (2019) discute sobre construção coletiva de significados em processos educativos museais. A interação entre jovens ribeirinhos e diferentes áreas das ciências amplia as possibilidades de leitura do mundo, articulando saberes escolares, conhecimentos tradicionais e observações derivadas da própria vivência amazônica.

Figura 2. Registros das oficinas de arqueologia, fotografia de artrópodes e libras.



Foto: Janine Valente (2025).

Figura 3. Registros das oficinas de Ecopropostas, IA na floresta e Maré de saberes.



Foto: Janine Valente (2025).

As oficinas destinadas aos professores, por sua vez, integram outra dimensão fundamental do evento. A programação docente é construída a partir das demandas manifestadas pelas escolas participantes, e este ano incluíram temas descrito a seguir:

Tabela 2. Quadro de oficinas ofertadas aos docentes na XIV Olimpíada de Ciências de Caxiuaná.

Tema da oficina	Objetivo principal
Construção de materiais didáticos em saúde marajoara: tecendo saberes pelas mãos do professor	Orientar a elaboração de jogos didáticos contextualizados em temas de saúde marajoara, articulando saberes locais e práticas pedagógicas para subsidiar o trabalho docente.
Alianças com a natureza em tempos de crise: pensar e fazer docente	Instigar formas de ser e de se relacionar com a natureza, ampliando a compreensão de sua importância para o pensar e o fazer docente.
Escrita inventiva e o ensino de ciências: experimentações com as palavras	Estimular a criatividade da escrita aos processos educativos no ensino escolar

Fonte: Registro e materiais de organização da Olimpíada, produzidos pela equipe responsável pelo evento sob coordenação da autora.

Essa abordagem encontra ressonância nas análises de Almeida e Bassalo (2021), que enfatizam que as práticas formativas no território amazônico precisam dialogar com as experiências de vida, os desafios e os repertórios pedagógicos locais. Ao trabalhar com temas escolhidos pelos próprios docentes, a Olimpíada fecha um ciclo de formação continuada situada (Figura 4), conectada às realidades das comunidades ribeirinhas e alinhada às discussões de Santos e Borroto Rodríguez (2025) sobre fortalecimento das ações educativas do MPEG ao longo dos anos.

**Figura 4. Registros dos professores na Jornada Pedagógica da XIV Olimpíada de Ciências de Caxiuanã.**



*Foto: Janine Valente (2025).*

Outro eixo estruturante da programação envolve as práticas culturais e esportivas. As noites culturais (Figura 5) — compostas por apresentações de escolas — permitem que diferentes comunidades compartilhem músicas, danças, narrativas e encenações relacionadas ao tema da edição. Essa dimensão dialoga com a compreensão de Mônaco (2000) de que experiências educativas em museus envolvem múltiplas linguagens e modos de expressão, ultrapassando formatos instrucionais e valorizando a dimensão sensível das aprendizagens. Nas noites culturais, a cultura ribeirinha torna-se espaço de reconhecimento identitário, reforçando vínculos intercomunitários e ampliando repertórios simbólicos que configuram a experiência museal na floresta.

**Figura 5. Registro de peça apresentada por um núcleo escolar sobre críticas, lendas e vivências na beira do rio.**



*Foto: Janine Valente (2025).*

Este ano, em formato inaugural, realizamos no decorrer da Olimpíada uma exposição na qual as Tecnologias Sociais (Figura 6) desenvolvidas pelos treze projetos aprovados — cada um proveniente de uma escola distinta, o que, por consequência, definiu as unidades escolares selecionadas para participar das Olimpíadas — foram apresentadas. A iniciativa permitiu que diferentes comunidades, ainda que não necessariamente próximas entre si, mas frequentemente atravessadas por desafios comuns, conhecessem as propostas e trocassem experiências.

**Figura 6. Exemplos de TS apresentadas: vassoura de garrafa pet, horta hidropônica e papel semente.**



*Foto: Artur Ribeiro e Mayara Larys (2025).*

Na parte final do evento, os produtos das oficinas (Figura 7) — maquetes, registros visuais, artefatos, jogos e outras criações — são apresentados ao coletivo e registrados em relatório institucional produzido após o retorno da equipe à base física de Belém/PA. A produção desses materiais sintetiza aprendizagens construídas pelos grupos, evidenciando dialogicidade, criatividade e articulação entre saberes científicos e conhecimentos locais. Zarbato (2019) observa que práticas educativas em museus se consolidam quando produzem significados compartilhados, e a apresentação dos produtos da Olimpíada é um momento privilegiado dessa construção coletiva.

**Figura 7. Exemplos das apresentações de produtos pelos escolares.**



Foto: Janine Valente (2025).

No turno da tarde são promovidas as atividades esportivas (Figura 8) que, organizadas em parceria com a equipe de bombeiros militares, incluem modalidades previamente acordadas com as comunidades, como a tradicional corrida de peconha – competição em que participantes sobem rapidamente em um açaizeiro utilizando uma alça de cipó ou corda trançada presa aos pés, técnica amplamente difundida entre povos ribeirinhos. Nessa modalidade, um aluno competidor chega a completar a subida em inacreditáveis três segundos.

**Figura 8. Registro dos escolares participando das competições esportivas**



Foto: Janine Valente (2025).

Essas atividades integram corpo, território e convivência, reforçando o caráter multissensorial do evento. Ao incorporar movimentos, deslocamentos, desafios físicos e interação com a paisagem da Floresta Nacional de Caxiuanã, a Olimpíada amplia aquilo que Barbosa, Silva e Silva (2024) descrevem como experiências educativas que atravessam sensibilidades, temporalidades e modos de estar no mundo.

Assim, a Olimpíada de Ciências de Caxiuanã emerge como espaço de convergência entre diferentes epistemologias, práticas e linguagens. A experiência conjunta entre pesquisadores, estudantes e comunidades — marcada pela interação entre território, ciência, cultura e sensorialidade — aprofunda a perspectiva de uma educação museal situada, como defendido por Monaco (2000), e reafirma o papel social da instituição, conforme discutem Santos, Rodríguez e Silva (2024) e Santos e Rodríguez (2025). Ao promover o encontro entre modos diversos de conhecer e viver a Amazônia, a Olimpíada transforma-se em um ambiente de experimentação e aprendizado que extrapola a dimensão escolar e amplia a compreensão do museu como agente formador presente nos territórios.

## Notas finais

---

A apresentação da Olimpíada de Ciências de Caxiuanã evidencia que se trata de uma ação educativa singular, ancorada em um território amazônico cuja complexidade geográfica, social e cultural estrutura as práticas formativas desenvolvidas pelo Museu Goeldi. Ao compreender a educação museal como experiência situada, o evento reafirma que o território não é apenas cenário, mas elemento constitutivo do processo educativo. A travessia fluvial, a convivência na floresta, a relação com os ciclos naturais e a presença das comunidades ribeirinhas constituem dimensões que ampliam modos de aprender, pensar e significar a ciência. A Olimpíada também evidencia a centralidade do diálogo de saberes. Como mostram as reflexões de Barbosa, Silva e Silva (2024), práticas educativas desenvolvidas na Amazônia sustentam-se em relações interculturais que reconhecem a coexistência de diferentes saberes — científicos, comunitários, tradicionais — produzidas em territórios historicamente marcados pela diversidade sociocultural. Ao reunir estudantes, pesquisadores, professores e lideranças comunitárias em atividades colaborativas, o evento cria um ambiente de troca no qual conhecimentos circulam, se transformam e se fortalecem mutuamente. Essa confluência de saberes aproxima-se das discussões de Zarbato (2019), segundo as quais práticas educativas em museus se consolidam quando tornam visíveis experiências sociais e modos diversos de interpretar o mundo.

A formação docente constitui outro eixo estruturante da ação. A programação destinada aos professores, construída com base em suas demandas e experiências, contribui para processos de fortalecimento pedagógico

em escolas ribeirinhas, em consonância com discussões sistematizadas por Almeida e Bassalo (2021) sobre práticas formativas em territórios amazônicos. Esse aspecto também é ressaltado por Santos e Borroto Rodríguez (2025), ao analisarem a trajetória do setor educativo do Museu Goeldi, indicando que a qualificação das interações educativas depende da criação de ambientes de formação contínua, diálogo e participação ativa.

A persistência e continuidade da Olimpíada ao longo de mais de duas décadas revelam sua importância para a memória institucional do MPEG. Em contexto marcado historicamente por desafios estruturais, como apontam Santos, Rodríguez e Silva (2024), ações como a Olimpíada demonstram a capacidade de permanência, inovação e articulação comunitária das práticas educativas do Museu. A sistematização realizada em relatórios anuais sobre as ações do PEC-ECFPn reforça esse entendimento ao registrar narrativas, imagens, experiências e aprendizagens que compõem a história da ação e revelam seus impactos para as comunidades envolvidas.

Por fim, a Olimpíada de Ciências de Caxiuanã demonstra que a educação museal, quando desenvolvida de modo situado, participativo e territorializado, amplia possibilidades de aprendizagem e fortalece a relação entre museu, comunidade e Amazônia. A articulação entre ciência, cultura, ambiente e experiência, presente na dinâmica do evento, reafirma o compromisso social do Museu Paraense Emílio Goeldi e contribui para consolidar uma pedagogia do território — uma pedagogia que reconhece a floresta como espaço de saberes, memórias e práticas que sustentam a construção coletiva do conhecimento.

# Nota

<sup>1</sup>A título de conhecimento, uma baía é uma ampla reentrância de água parcialmente cercada por terra, podendo ser formada por água doce ou salgada. No contexto amazônico, como na Baía de Caxiuanã, trata-se de uma grande baía, frequentemente atravessada pelos moradores de comunidades ribeirinhas para deslocamentos cotidianos. No caso do Arquipélago do Marajó, por exemplo, a travessia da Baía de Caxiuanã é parte do percurso até a ECFPn. Os moradores chamam de furos os braços d'água que se originam da baía e permitem acessar diferentes regiões e comunidades.

# Referências



ALMEIDA, Edwana Nauar de; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Narrativas de professores ribeirinhos: tensões, fragilidades e desafios. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 21, n. 70, p. 1169-1191, 2021. DOI: 10.7213/1981416X.21. 070.DS08. Acesso em: 02 de dezembro de 2025

BARBOSA, Ana Flávia Leite; SILVA, Raimundo Cosme da; SILVA, Maria Goretti da. Educação museal e interculturalidade crítica na Amazônia brasileira: kits e jogos educativos na experiência pedagógica do Museu Paraense Emílio Goeldi. Educazione Aperta, n. 15, 2024. Disponível em: <https://www.educazioneaperta.it>. Acesso em: 30 de novembro de 2025.

DIÁRIO DO PARÁ. Ciência e lazer na Floresta Nacional de Caxiuanã. 06 mar. 2009. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/pt-br/noticia/64258>. Acesso em: 02 de novembro de 2025.

LARRYS, Mayara; SEPULVREDA, Barbara. Cartilha: Navegando em águas e saberes. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Serviço de Educação, 2025.

# Referências



MÔNACO, Luciana M. O setor educativo de um museu de ciências: um diálogo com as comunidades de prática. 2013. Tese (Doutorado em educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/4fHJQGa>. Acesso em: 25 de novembro de 2025.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Floresta de Memórias: registros da XIV Olimpíada de Ciências de Caxiuanã. 2025. Relatório ainda não publicado. Belém: MPEG.

QUADROS, Helena do Socorro Alves. A epistemologia da educação museal na Amazônia Paraense: um estudo sobre o Programa O Museu Goeldi de Portas Abertas. 2019. 274 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2019.

QUEIROZ, Fernanda Conceição de. Relatos de experiência dos participantes do MPA 2023. In: QUEIROZ, Fernanda Conceição de; SILVA, Ana Claudia dos Santos da; LOPES, Monyck Jeane dos Santos; SILVA, Iraneide Souza; QUADROS, Camila Alves (Orgs.). Museu Goeldi de Portas Abertas: ciências básicas para o desenvolvimento sustentável. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2025. p. 242-244.

# Referências



SANTOS, Sabrina Silva; RODRÍGUEZ, Iván Borroto; SILVA, Ana Claudia dos Santos. Uma análise sobre a constituição do Serviço de Educação do Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém-Pará). RECC, v. 29, n. 3, 2024.

SANTOS, Leonardo Ryon Alves dos; BORROTO RODRÍGUEZ, Iván. O Museu Goeldi e a educação museal: trajetória e desafios de um setor educativo (2001 - 2022). Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 33, p. 1-39, 2025.

RODRÍGUEZ, Iván Borroto; SILVA, Ana Claudia dos Santos da. Educação Museal no Museu Paraense Emílio Goeldi: algumas ponderações. Belém: Núcleo Editorial de Livros-MPEG, 2024.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. Práticas educativas em museus: entrelaçando história e os saberes docentes. InterMeio, Campo Grande (MS), v. 25, n. 49.1, p. 179-194, 2019.

